

RESENDE, VIVIANE DE MELO Y RAMALHO, VIVIANE (2006). *Análise de discurso crítica*. São Paulo, Brasil: Editora Contexto. 160 pp. ISBN: 85-7244-333-9.

Embora a Análise de Discurso não seja uma disciplina nova no Brasil, é ainda escassa a literatura em português sobre o assunto, particularmente um tipo de literatura de iniciação, em que se possa fazer divulgação para o público leigo e para os recém-ingressos nos cursos de Letras ou de Ciências Sociais. Ainda que haja um número razoável de artigos em revistas especializadas, dificilmente se encontra em um só lugar respostas a questões básicas como: O que é a análise de discurso? O que diferencia a vertente francesa de AD da de influência inglesa? O que quer dizer o termo “crítica” na vertente Análise de Discurso Crítica (ADC)? Como dar materialidade lingüística a estudos que identificam o papel preponderante da linguagem para os mecanismos de manutenção do poder ou de luta de resistência? Como checar se certas práticas discursivas – como a da mídia, por exemplo – têm uma carga ideológica forte?

Em boa medida, muitas dessas questões são respondidas na obra *Análise de discurso crítica*, em que Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho expõem de maneira didática os principais conceitos teóricos e metodológicos dessa disciplina, além de apresentarem análises com a aplicação desses princípios.

Em quatro capítulos – antecedidos de apresentação e seguidos de considerações finais –, é traçada a trajetória da Análise de Discurso Crítica, sua inserção no conjunto das Ciências Sociais Críticas, bem como são apresentados os principais formuladores e também alguns dos expoentes dessa corrente no Brasil.

As autoras trazem para o/a leitor/a, mesmo aquele/a não familiarizado/a com os termos e conceitos, uma abordagem tão completa quanto possível para uma obra de cunho introdutório; e, mais: apresentam com clareza termos e abordagens que seriam difíceis de capturar nas obras fundadoras da disciplina. Está lá discutida com muita clareza a noção de dialogismo de Bakhtin, bem como as de *intertextualidade* e *interdiscursividade*, de *hegemonia*, de *ideologia*, entre outras.

São igualmente de muita utilidade os quadros sinópticos, como o das categorias analíticas propostas no modelo tridimensional para ADC de Fairclough (p.29); o do enquadre para ADC de Chouliaraki e Fairclough (p. 37); ou o dos modos de operação da ideologia de Thompson (p. 52). Particularmente esclarecedora, por exemplo, é a parte em que as autoras discorrem sobre o discurso como um momento das práticas sociais.

Começam por situar a Análise de Discurso Crítica entre as correntes da lingüística que se alinham com a visão funcionalista da linguagem, isto é, dos/as cientistas e pesquisadores/as da linguagem que a vêem como tendo funções externas ao sistema; funções estas que constituem a parte central dos

estudos lingüístico-discursivos e são tidas como responsáveis pela organização interna do sistema lingüístico.

A seguir, apresentam as influências mais significativas para as formulações de Norman Fairclough, pesquisador que tem um papel relevante nesta abordagem, por ele mesma denominada Análise de Discurso Crítica (*Critical Discourse Analysis*). Na condição de abordagem transdisciplinar, a ADC se vale dos estudos de Foucault e Bakhtin, no que diz respeito à vinculação entre discurso e poder. Mas vai mais além das formulações desses dois teóricos, aliando outras contribuições, como os estudos culturais, ou as teorias de ideologia, de modernidade tardia, de hegemonia, além de se vincular aos estudos lingüísticos funcionalistas.

A ADC, informam as autoras, seria um dos desdobramentos dos estudos de Lingüística Crítica, desenvolvidos na Universidade de East Anglia, na década de 1970; que teria frutificado após publicação de artigo de Fairclough, em 1985. No Brasil, a primeira pesquisadora a desenvolver trabalhos teóricos nessa linha, a professora Izabel Magalhães, da Universidade de Brasília, resalta a contribuição de Fairclough para criação de um método de estudo do discurso e também seu esforço para explicar a razão pela qual cientistas sociais e estudiosos/as de mídia necessitam dos/as lingüistas.

Na esteira didática escolhida pelas autoras, o/a leitor/a toma conhecimento das principais formulações de Fairclough, bem como das revisões que ele e associados têm sistematicamente realizado, a fim de que a ADC se torne, efetivamente, uma ferramenta poderosa para cientistas sociais empenhados em práticas emancipatórias.

De uma visão tridimensional do discurso (texto, prática discursiva e prática social), proposta por Fairclough em *Language and Power*, de 1989, e *Discourse and Social Change*, de 1992, a ADC foi sendo revista, a fim de dar conta do “discurso como um elemento da vida social interconectado dialeticamente a outros elementos e suas implicações teórico-metodológicas” (p. 26). Assim, no trabalho em co-autoria com Lilie Chouliaraki (*Discourse in Late Modernity*, 1999) e em *Analyzing Discourse* (2003), Fairclough aprofunda os conceitos a fim de entender “o uso da linguagem como prática social como um modo de ação historicamente situado, tanto constituído quanto constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (p. 26).

Bastante esclarecedora é a retomada pelas autoras da vinculação entre os estudos de ADC e os das ciências sociais, particularmente os trabalhos de Hall, Harvey, Gidens, Beck e Lash, sobre modernidade tardia; de Thompson, sobre ideologia; de Gramsci, sobre hegemonia, e de outros autores contemporâneos que têm refletido sobre as condições do estágio atual do capitalismo e sua vinculação com as transformações sociais em curso (Pierre Bourdieu, Cristovam Buarque, Antonio Negri).

Nos escritos de Foucault sobre discurso, restava a noção de determinação externa do sujeito pelo discurso, sem capacidade de resistência; pelos trabalhos em torno da ideologia, de autores como Althusser, restava a idéia de um assujeitamento pelas estruturas da sociedade; pela visão de alguns teóricos da modernidade tardia, fica a impressão de que os deslocamentos de espaço e tempo característicos beneficiariam, indistintamente, pessoas e grupos em todo o mundo. Mas, graças à perspectiva crítica das ciências sociais, nas quais se insere a ADC, podemos ver que os sujeitos também têm possibilidade de apresentar resistência; que os bens simbólicos – pela operação da ideologia – podem estar a serviço da perpetuação de poder e de posses, por parte de pessoas, grupos e países; que a modernidade tardia distribui suas benesses seletivamente, perpetuando privilégios ou criando outros.

No estágio atual da teoria e da metodologia da ADC, ganham maior materialidade as vinculações com a Lingüística Sistêmico Funcional (LSF), a fim de demonstrar quando, onde e como o discurso transforma e é transformado no contexto das práticas sociais. As formulações de Halliday de há muito eram levadas em conta por Fairclough para a busca de uma metodologia que permitisse vislumbrar como a linguagem constitui representações do mundo e como cria e mantém relações sociais e práticas identitárias.

Na formulação atual, esses conceitos se tornaram mais operacionais, com as correspondências e reformulações de Fairclough do arcabouço da LSF. Halliday considera que uma das macrofunções da linguagem é a representacional, pela qual a linguagem cria significados, conhecimentos e crenças; uma segunda macrofunção seria a interpessoal, na qual são negociadas as relações entre sujeitos; e uma terceira, textual, que confere organicidade e lógica ao discurso. Em sua reformulação para a ADC, em vez de macrofunções, Fairclough concebe os significados acional, representacional e identificacional. No primeiro está a noção de que a linguagem é um modo de ação no mundo – e que esse modo de agir pode ser identificado nos *gêneros* textuais; no segundo, que a linguagem constitui valores, crenças, conhecimentos pelo modo como representa os eventos no *discurso*; no terceiro, que as identidades e as relações pessoais são configuradas nos *estilos*. Em seu livro, Resende e Ramalho não apenas apresentam essa correspondência como dão exemplos práticos de como textos concretos podem ser analisados, levando em conta esses significados no discurso.

Antes de finalizarem, as autoras apresentam resultados de suas próprias pesquisas, em que analisam discursos da mídia (episódio da invasão do Iraque pelos Estados Unidos) e da literatura de cordel (textos sobre a infância em situação de rua). Na primeira análise apresentada, o/a leitor/a pode se familiarizar com o modo de explicar um texto, levando em consideração a conjuntura política internacional (predominância dos EUA sobre outros países desde a segunda guerra mundial), perante as novas leituras da política (noção de Império de Negri), assim como as práticas sociais da imprensa

brasileira e o modo particular como a intertextualidade é invocada no texto (como são selecionadas as vozes presentes na imprensa, como é articulada a identidade do discurso do jornalista com a de George W. Bush), como as metáforas são invocadas e como são representados os atores sociais. Na segunda análise, partindo do gênero situado cordel, é analisada a situação da infância na rua, no contexto brasileiro, com base no texto do poeta Azulão. Ali, é feita uma análise do interdiscurso (discurso religioso, discurso da marginalidade, discurso do neoliberalismo etc.); de como é abordada a lógica (lógica das aparências e lógica explanatória), enfim, de como a materialidade da linguagem revela os pontos de vista do poeta, os do senso comum e as possibilidades de resistência.

Digna de nota é a atenção que as pesquisadoras chamam sobre o papel do/a lingüista crítico/a como agente na luta pela transformação de práticas sociais de dominação.

João Bosco B. Bonfim
jbbbonfim@gmail.com